

**PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO: A ESCUTA CLÍNICA EM PSICOTERAPIA NA
ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA**

Emily Dalila Suzin¹
Chancarlyne Vivian²

Resumo

Este trabalho apresenta a experiência de estágio supervisionado em Psicologia Clínica, realizado na clínica-escola da UNOESC, com enfoque na atuação junto a um cliente adulto com diagnóstico de déficit cognitivo moderado. A prática foi fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), proposta por Carl Rogers, destacando-se os princípios de empatia, aceitação positiva incondicional e congruência como pilares do processo psicoterapêutico. Por meio da escuta atenta e da valorização da singularidade do sujeito, foi possível construir um vínculo afetivo e ético, possibilitando o florescimento de aspectos subjetivos e a promoção de autonomia. O relato discute os fundamentos teóricos, as atividades desenvolvidas ao longo do estágio, as percepções clínicas, os desafios enfrentados e os aprendizados decorrentes do acompanhamento, oferecendo uma reflexão crítica sobre a prática profissional e a formação em psicologia.

Introdução

A realização do estágio em psicologia clínica representa um marco importante na formação profissional, pois nos insere de maneira concreta nas realidades complexas e singulares dos sujeitos que buscam auxílio psicológico. O processo de estágio supervisionado na Clínica-escola da UNOESC, foi iniciado com atendimentos a adultos e crianças com diversas demandas. Nesse espaço, foi possível colocar em prática o desenvolvimento teórico-prático, desafiando-me a escutar para além do diagnóstico, a construir vínculos e a exercitar uma postura ética e acolhedora. O atendimento que o estudo notabiliza é o de um cliente de 30 anos, diagnosticado com déficit cognitivo moderado, cuja história mobilizou reflexões sobre a importância do olhar humanizado e da escuta respeitosa. Este relato tem por objetivo descrever essa experiência, contextualizando a prática clínica à luz da Abordagem Centrada na Pessoa, relatando as atividades realizadas e analisando os aprendizados construídos.

Desenvolvimento

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, concebe o ser humano como alguém dotado de uma tendência atualizante – uma força interna de desenvolvimento e autocompreensão que pode aflorar em um ambiente psicoterapêutico propício. Para Rogers, a função do psicólogo não é rotular ou conduzir o cliente, mas oferecer uma presença autêntica sustentada por três atitudes fundamentais: empatia, congruência e aceitação positiva incondicional (ROGERS, 1997). A empatia, descrita como a capacidade de compreender o mundo do outro "como se" fosse o seu, mostrou-se fundamental ao longo do processo com o cliente, especialmente considerando suas dificuldades de expressão verbal. Gestos, olhares e falas simples como "olha, eu consegui" revelavam muito mais que conquistas momentâneas: expressavam uma busca por reconhecimento e pertencimento. Como defende Pinto (2020), é necessário olhar para a pessoa por trás do diagnóstico. A aceitação positiva incondicional, por sua vez, consistiu em acolher o cliente com tudo o que ele é – suas dificuldades e

potências – sem julgamentos. Esse clima de aceitação foi essencial para que ele se sentisse seguro para explorar seu mundo interno. Rogers (1997) destaca que esse tipo de relação promove não apenas aceitação, mas transformação e crescimento, o que ficou evidente no percurso terapêutico do cliente. O estágio ocorreu na clínica-escola da UNOESC, com atendimentos semanais de aproximadamente 50 minutos. O cliente já estava em acompanhamento há cerca de dois anos e foi encaminhado pela família, que expressava preocupação com sua autonomia. A anamnese com a mãe trouxe informações importantes sobre sua história e revelou a ausência de atendimentos especializados prévios, como APAE ou suporte multiprofissional. A escuta clínica adotou os princípios da ACP, priorizando o respeito ao ritmo do cliente. Nos primeiros encontros, ele se mostrou tímido e reservado, com comunicação verbal restrita. Contudo, jogos como dominó, Uno e quebra-cabeça possibilitaram uma comunicação alternativa e expressiva. Frases como “olha, eu fiz!” ganharam significado terapêutico, sendo acolhidas com atenção e sensibilidade. A relação foi se consolidando ao longo das semanas, permitindo ao cliente demonstrar maior espontaneidade e engajamento. A família também foi envolvida no processo, com encontros pontuais voltados ao acolhimento e orientação, sempre respeitando os limites éticos e o espaço do cliente. O processo de atendimento ao cliente evidenciou as potências e os limites do trabalho clínico com pessoas com deficiência intelectual, especialmente sob a ótica da ACP. A ausência de um histórico terapêutico anterior e a dificuldade na expressão verbal foram desafios importantes, mas também convites para ampliar a escuta e diversificar os meios de comunicação. A relação terapêutica se mostrou o principal instrumento de trabalho. A escuta empática permitiu captar nuances da experiência do cliente, promovendo segurança e favorecendo sua expressão afetiva. O uso de jogos, nesse contexto, não foi um recurso didático, mas uma linguagem simbólica legítima, que possibilitou o contato com suas emoções, desejos e necessidades. A dependência familiar também foi um ponto relevante. Apesar do apoio afetivo dos pais, havia uma sobrecarga emocional e certa resistência a intervenções externas. Com isso, o trabalho com a família

precisou ser cuidadoso, respeitoso e pautado no diálogo, sempre valorizando a autonomia do cliente. A ACP revelou-se uma abordagem eficaz e ética neste caso, pois possibilitou um espaço de escuta verdadeira, livre de julgamentos e aberto ao reconhecimento da singularidade do sujeito. A psicoterapia, neste contexto, foi menos sobre “corrigir” e mais sobre “estar com”.

Considerações Finais

A experiência de estágio supervisionado na abordagem centrada na pessoa, com foco no atendimento a um cliente com déficit cognitivo moderado, permitiu uma vivência clínica pautada no respeito, na presença genuína e na valorização do sujeito em sua totalidade. A escuta sensível e a construção de vínculo possibilitaram o fortalecimento da autonomia e da autoestima do cliente, mostrando que, mesmo diante de limitações cognitivas, há espaço para crescimento, expressão e reconhecimento. O caso apresentado reforça a importância de uma psicologia clínica comprometida com a subjetividade, que vá além dos rótulos diagnósticos e reconheça a potência transformadora do encontro humano. A ACP, ao oferecer um ambiente facilitador e acolhedor, demonstrou ser uma abordagem potente para o cuidado com pessoas em situação de vulnerabilidade.

Referências

PINTO, Marcos Alberto da Silva (Org.). Abordagem centrada na pessoa e algumas de suas possibilidades. São Paulo: All Print Editora/EncontroACP, 2020.

ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, Carl. Um jeito de ser. São Paulo: EPU, 1983.

E-mails: psicoemily7@gmail.com

chancarlyne.vivian@unoesc.edu.br

